

## **A DESCONSTRUÇÃO DA FUNCIONALIDADE EM SUSAN ALDWORTH**

### ***THE DEVELOPMENT OF FUNCTIONALITY IN SUSAN ALDWORTH***

Regilene A. Sarzi-Ribeiro / UNESP

#### **RESUMO**

O estudo visa ampliar a compreensão dos processos históricos, sociais e culturais que envolvem a produção artística a partir das imagens médicas para investigar como estas são deslocadas do âmbito clínico-médico para o poético-artístico, provocando a desconstrução de sua funcionalidade. Fundamentados em teóricos como Pierre Lévy e Francisco Ortega, optamos analisar as obras de Susan Aldworth, criadas a partir de imagens do corpo que resultam de exames médicos e tecnologias de imageamento. As imagens médicas reiteram o controle sobre os corpos, mas a arte cria um desvio no sistema de produção destas imagens deslocando-as para o campo do sensível para dar ao homem a oportunidade de romper com o poder destas imagens para gerar novos saberes.

**PALAVRAS-CHAVE:** tecnologias de imageamento; corpo; desconstrução da funcionalidade; Susan Aldworth.

#### **ABSTRACT**

*The study aims to broaden the understanding of historical, social and cultural processes involving artistic production from medical images to investigate how they are shifted from the clinical-medical scope to the poetic-artistic, causing the deconstruction of its functionality. Grounded on such theoreticians as Pierre Lévy and Francisco Ortega, we chose to analyze the works of Susan Aldworth, created from images of the body that result from medical examinations and imaging technologies. Medical images reiterate control over bodies, but art creates a deviation in the system of production of these images by shifting them to the field of the sensitive to give man the opportunity to break with the power of these images to generate new knowledge.*

**KEYWORDS:** *imaging technologies; body; deconstruction of functionality; Susan Aldworth.*

## **A desconstrução da funcionalidade e as imagens médicas**

Diariamente ouvimos dizer que vivemos sob o império das imagens e somos expostos à onipresença das imagens. Periodicamente fazemos visitas aos consultórios médicos que nos solicitam cada vez mais exames e diagnósticos por imagens, os quais passam a fazer parte de um acervo/arquivo de imagens pessoais e ou de familiares. A visualidade, depois da voz e da escrita, é sem dúvida um dos meios de comunicação mais imperativos nas sociedades que se utilizam da imagem como instrumento de discurso e controle social.

Na arte, encontramos a imagem do corpo, como os estudos de anatomia que sempre causaram grande entusiasmo e estranhamento. Na medicina, os avanços tecnológicos ampliam paulatinamente o acesso ao corpo e a investigação de novas patologias, e a cada novo aparelho ou equipamento, surgem novos exames e diagnósticos por imagens. Quanto mais conhecemos nosso corpo, mais perdemos a privacidade e o controle sobre ele, conforme comenta Sarzi-Ribeiro:

Mas a possibilidade de ver o interior do seu próprio corpo ou a consciência de si mesmo é acompanhada da perda da privacidade. As imagens do interior do corpo são cada vez mais populares, sobretudo com os novos aparelhos de registro e visualização do corpo. E mesmo aqueles que não tenham seus corpos registrados por exames ou diagnósticos por imagens podem ter acesso via programas de televisão, filmes e revistas (SARZI-RIBEIRO, 2016, p.214).

Neste contexto, esta pesquisa busca compreender os discursos e as rupturas da forma e ou dos limites formais que envolvem os poderes das imagens médicas e o deslocamento das mesmas quando apropriadas por artistas para pensar, em suas obras, as relações do homem com as imagens do próprio corpo na contemporaneidade.

O estudo visa ampliar a compreensão dos processos históricos, sociais e culturais que cercam a produção de imagens artísticas a partir das imagens médicas para delinear como se constrói o imaginário corporal na arte contemporânea e como atuam as imagens técnicas na mediação da fruição, interação e nos efeitos de desejo e atração do corpo.

A imagem do corpo humano sempre esteve associada ao conhecimento científico, pois elas são fontes de pesquisa, sendo possível investigar órgãos, tecidos,

sintomas de doença ou saúde. Sobre as imagens do interior do corpo, o filósofo francês Pierre Lévy, em *O que é o virtual?* (1996) afirma:

O que torna o corpo visível? Sua superfície, a cabeleira, a pele, o brilho do olhar. Ora, as imagens médicas nos permitem ver o interior do corpo sem atravessar a pele sensível, sem secionar vasos, sem cortar tecidos [...] Raios X, scanners, sistemas de ressonância magnética nuclear, ecografias, câmeras de pósitons virtualizam a superfície do corpo, a partir dessas membranas virtuais, pode-se reconstruir modelos digitais do corpo em três dimensões e [...] maquetes sólidas que ajudarão os médicos, por exemplo, a preparar uma operação (LÉVY, 1996, p.29).

Quando surgiram a fotografia e as novas tecnologias da imageamento: raios-x, escaneamentos e ressonâncias magnéticas, a representação do corpo humano se tornou cada vez mais complexa. Na arte contemporânea, a imagem do corpo se torna múltipla em decorrência das inúmeras operações técnicas de apropriação e ressignificação que a tecnologia digital proporciona aos artistas.

De igual forma, o corpo é o local por excelência de construção de resistência e política. Esta conquista se deu tanto pela arte da performance e sua ruptura com o campo da representação que potencializou o corpo, tornando-o ele mesmo matéria da obra de arte, quanto pela fotografia e pelo vídeo que por sua especificidade de linguagem e reprodutibilidade da imagem, lançaram o corpo num campo infinito de possibilidades de apresentação e significação, ora pelo deslumbramento ora pelo estranhamento.

Pesquisando artistas que se apropriam de imagens médicas, encontramos Susan Aldworth e seu processo criativo, composto por um desvio da imagem médica do âmbito clínico cujo resultado poético pode ser relacionado à desconstrução de funcionalidade de tais imagens.

### **Susan Aldworth**

A artista plástica britânica Susan Aldworth estudou filosofia na *Nottingham University* e gravura na Fundação *Sir John Cass's*, em Londres. É professora na *Norwich University* (EUA) no curso de Artes e pesquisadora sênior na *Swansea Metropolitan University* (Reino Unido).

Em 2012, Aldworth realizou a exposição *Reassembling the Self* na *Hatton and Vane Gallery*, em Londres, fruto da residência artística que realizou no Instituto de Neurociências da Universidade de Newcastle, na Austrália. A artista afirma que esta experiência foi essencial para sua produção artística. Neste ambiente médico ou científico, ela se aproximou das diferentes narrativas médicas, científicas e, sobretudo, pessoais dos pacientes que oferecem um rico universo visual e sobre a identidade humana decorrentes dos procedimentos de registro do corpo pelos exames e diagnósticos médicos.

Fascinada pela consciência humana e as relações que envolvem o cérebro humano e o senso de si mesmo, Aldworth explora as imagens médicas em seus trabalhos de gravura, monotipia, litogravura, cinema e vídeo.

Aldworth reconhece que sua primeira escolha foi estudar filosofia, porque sempre se interessou por entender o que significava o humano. Mas seu interesse pela arte foi maior e fazer um curso de gravura foi intencional, pois a gravação e impressão sempre lhe pareceram uma forma de registrar seu gesto além de produzir imagens. Sobre a sua pesquisa em gravura, afirma que um acontecimento pessoal a levou as técnicas de impressão, às quais associa as imagens técnicas, resultante dos exames médicos:

An accident in 1999 led to me finding an even closer relationship between philosophy and my artwork. During a diagnostic brain scan, I found myself lying on a hospital bed watching the anatomical workings of my brain real time on a monitor. It was a seminal moment. I was watching myself think. What then is a brain? How can a piece of flesh summon up consciousness, imagination and a sense of self? Since then I have collaborated with doctors, neuroscientists, and philosophers in pursuit of an understanding of workings of the mind. I have developed radical print techniques, sometimes using brain scans alongside drawn and chemical marks, to visualize and find a voice for my thoughts about the fragile relationship between the brain and our sense of self. The fragility of being human (BRIDGEMAN IMAGES, 2017, s/p.).

O processo de criação da artista parte da investigação sobre como funciona a consciência humana. A partir da visão médica, a artista confronta o que pensam os neurocientistas, médicos e os filósofos sobre estes temas e completa: *"I went to draw people undergoing brain scans in the neurology unit at a busy London Hospital*

*for a number of years to find out about the brain. I also took their testimonies as to what consciousness felt like to them” (BRIDGEMAN IMAGES, 2017, s/p.).*

A pesquisa de Aldworth extrapola o uso das imagens médicas. A artista busca interpretar a sensibilidade, a emoção e o estado de alma das pessoas que sofrem com doenças neurológicas. Mas a base da sua pesquisa são as imagens cerebrais que resultam dos exames médicos utilizadas em diferentes séries como em *Penny for your thoughts* (2002), *No ghost in the machine* (2004), *Going Native* (2006), *Reassembling the self* (2012).

Aldworth afirma que sua proposta é tornar as imagens de suas obras materialmente vivas para que estas possam se tornar equivalentes visuais da consciência humana levando conhecimento ao público, a partir da experiência estética.

Durante o tempo da residência no Hospital de Londres, a artista pôde ver exames de pessoas com epilepsia e outros males do cérebro para estudo e desenho. A artista resume seu trabalho como “*experimental, curious, challenging, technical, interdisciplinary*” (BRIDGEMAN IMAGES, 2017, s/p.).

Em julho de 2011, a série *Cogito Ergo Sum 3* (2006) é apresentada na exposição *Art and Science: Merging Art & Science to Make a Revolutionary New Art Movement*, na GV Art Galery, em Londres (ART AND SCIENCE, 2011). Na referida série Aldworth faz uma impressão e intervenções gráficas e pictóricas sobre um arquivo digital de uma tomografia, resultado de um exame médico, o *mri scan – magnetic resonance imaging* (Figura 1).

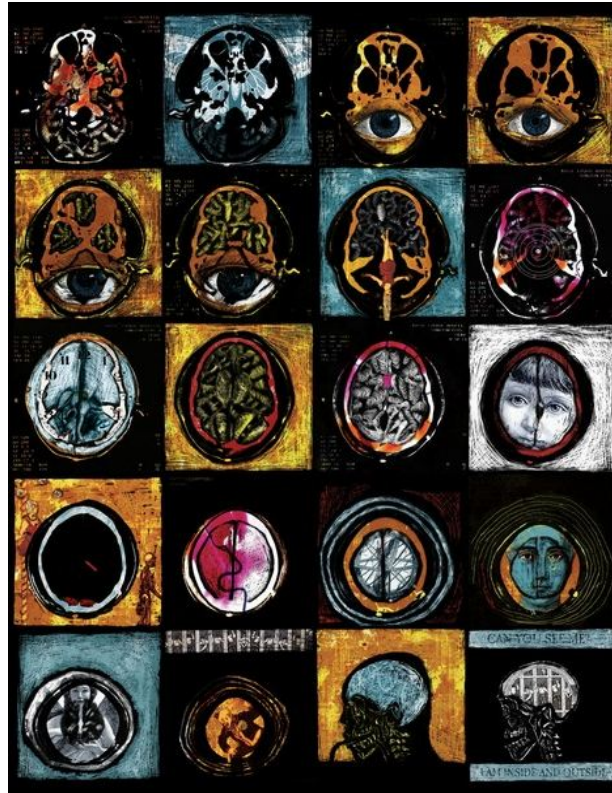


Figura 1: Susan Aldworth. *Cogito Ergo Sum 3* (2006) impressão arquivo digital. Coleção privada / Bridgeman Images. Fonte: <<http://www.bridgemanimages.com/en-GB/susan-aldworth>>.

A ressonância magnética (MRI) é uma técnica de imagem médica comumente usada em radiologia para registros do corpo e formação de imagens que representem as estruturas do corpo doente ou saudável. Os *scanners* de MRI são à base de fortes campos magnéticos e ondas de rádio capazes de gerar imagens do corpo por dentro, de tornar visível o seu interior. As imagens são produzidas por contrastes entre os tecidos e o relaxamento dos átomos presentes nos tecidos do corpo e por dados químicos e físicos além de estruturas espaciais. Esta tecnologia de imageamento do corpo surgiu nos anos de 1970 e 1980 e é mais aplicada a medicina de diagnóstico e pesquisa biomédica.

Quando olhamos para a obra de Susan Aldworth, imediatamente nos recordamos das imagens do cérebro decorrentes das tomografias cerebrais. Mas quando observamos a imagem em detalhes, surge um contorno branco ao redor do cérebro ou desenhos brancos são acrescentados no interior do cérebro, que são as intervenções da artista nas imagens médicas (Figura 2).

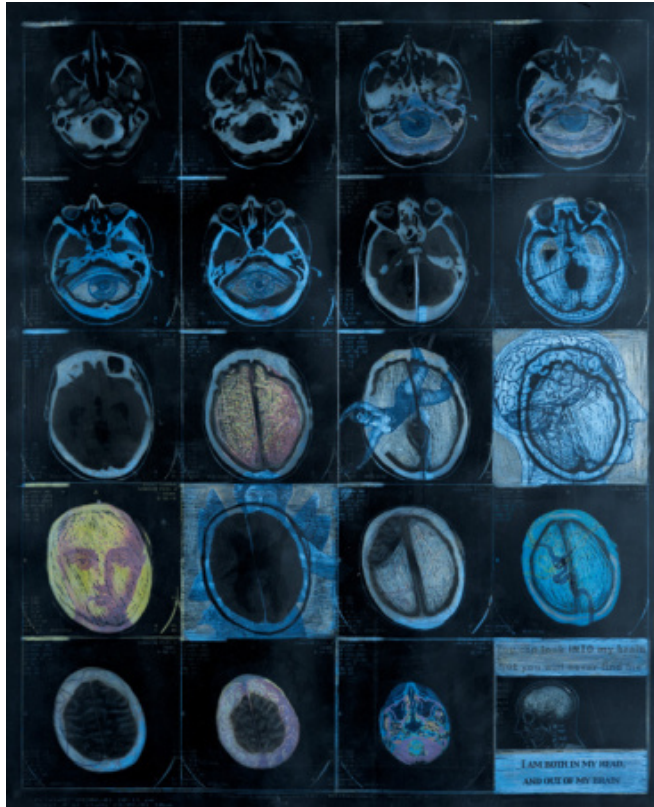


Figura 2: Susan Aldworth. *Cogito Ergo Sum 1* (2002) impressão arquivo digital. Coleção privada.  
 Fonte: <<https://susanaldworth.com/cogito-ergo-sum-1-2002/>>.

Uma textura fina de rabiscos surge como fundo alterando a transparência da imagem impressa em acetato e letras manuscritas se misturam a letras que identificam os exames. Rostos surgem dentro de cérebros que também ganham olhos e novos coloridos. O que antes era um exame médico agora se tornou uma imagem gráfica e pictórica.

Na obra *Cogito Ergo Sum 3.12*, (Figura 3) o cérebro se torna a metáfora do tempo. Dentro do cérebro cuja imagem é o registro do tomógrafo, e tendo a imagem médica como suporte, a artista desenha um relógio e nos remete ao tempo como aquele que dirige a vida, a passagem do tempo: a vida e a morte.



Figura 3: Susan Aldworth. *Cogito Ergo Sum 3.12* (2006) impressão arquivo digital. Coleção privada / Bridgeman Images. Fonte: <http://www.bridgemanimages.com/en-GB/susan-aldworth>

Já em *Cogito Ergo Sum 3.17*, (Figura 4) a cor ocre se mistura a textura gráfica de traços brancos e negros que se remetem ao grafite e à gravura em metal, aos *sgraffiatis* feitos com buril sobre o acetato, suporte da imagem *mri scanner*.

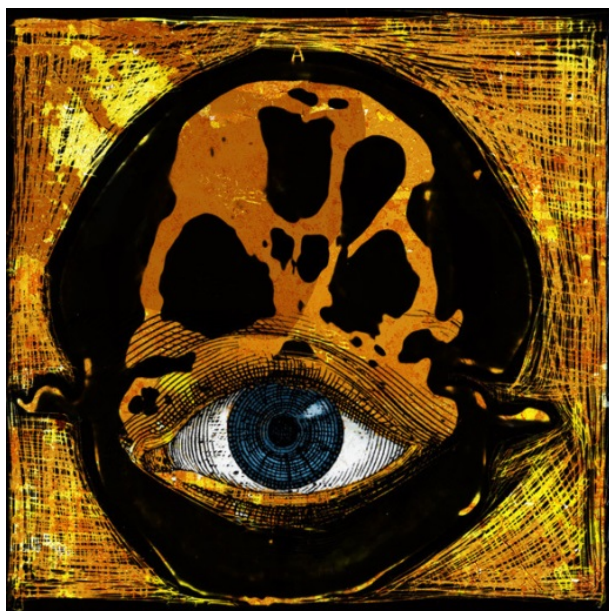


Figura 4: Susan Aldworth. *Cogito Ergo Sum 3.17* (2006). impressão giclée, 35x35cm. Fonte: <https://susanaldworth.com/cogito-ergo-sum-sequence/>.



O olho no interior da imagem do cérebro está escrevendo outra metáfora: por meio do olho-cérebro conhecemos o mundo e tomamos consciência da nossa presença no mundo, é por meio da visão que habitamos o mundo. O grande olho ao centro é ao mesmo tempo a abertura e o fechamento que nos leva para dentro deste grande enigma da máquina humana: o cérebro, como na série produzida em 2012, *Reassembling the self*.

Quando fazemos uma imersão nas imagens da série *Cogito Ergo Sum 3*, de Aldworth reconhecemos nos desenhos elementos como memória, identidade, aspectos da percepção e subjetividade humana. Objetos da infância, rodas e engrenagens podem representar um cérebro em funcionamento, rostos marcam um traço de identidade, um mapa-múndi nos remete ao mundo, o todo dentro da parte, ou ainda um corpo e esqueleto podem representar a vida e a morte.

Barbara Stafford (1992), em *Body Criticism*, analisa a persistência de um notável conjunto de metáforas corporais decorrentes de práticas estéticas e médicas. Para a autora, as formas de representação do corpo são metáforas dos processos cognitivos vivenciados em sociedade, e o trabalho do pesquisador consiste em reconstruir estas metáforas para tornar compreensível a necessidade humana de representar o corpo tanto na arte quanto na ciência. No entanto, Aldworth toma para si as imagens médicas para desconstruir sua funcionalidade.

Na arte contemporânea, os artistas antenados com o seu tempo interagem com as imagens médicas e percebem a beleza e a complexidade destas representações do corpo e passam a pesquisar esteticamente como estas imagens geram novas experiências e corporalidades. Somado a estas experiências, surgem os hibridismos estéticos, fruto da fusão entre as imagens geradas pela medicina e as apropriações dos artistas que misturam as imagens de exames médicos às técnicas e operações artísticas.

A imagem do corpo é cada vez mais instrumento de resistência e desconstrução de discursos de poder, mediada pelos novos meios visuais e audiovisuais que permitem além da visualização, uma experiência imersiva para com as imagens do corpo.

A partir das instalações interativas é possível imergir e se conectar as imagens do corpo por dentro e as aulas de anatomia que antes eram um espetáculo presencial agora são uma experiência virtual. As imagens projetadas em dispositivos como telas de grande formato espalhadas pelo espaço da instalação provocam a interação do público e como no cinema “[...] *o corpo se encontra radicalmente absorvido pelo espaço fílmico, no seu de uma relação quase hipnótica*” (GATTARI, 2012, p.135).

Na contemporaneidade, a capacidade da imagem de veicular uma realidade em si mesmo se revela cada vez mais forte e potente. Mas e na ciência, qual é o papel da imagem na ciência? O que significa dizer que tal imagem é uma imagem científica? No caso das imagens do corpo, dizer que uma imagem é científica está pautado em que critérios?

Estamos falando das imagens que resultam do registro do corpo por instrumentos ou aparatos médicos para exames e diagnósticos e que curiosamente são imagens com códigos muito próprios, específicos.

Francisco Ortega recorda em seu livro *O corpo incerto* (2008) que as imagens do cérebro de diferentes sujeitos, por exemplo, são muito parecidas e que são distinguidas por pequenos detalhes e identificação do paciente que só o médico consegue identificar. Nas imagens de exames médicos, o interior do cérebro, as massas corpóreas e os vasos sanguíneos são por vezes traduzidos em cores e áreas contrastantes convencionadas que demandam um conhecimento muito específico para serem lidas. Mas porque será que mesmo compreendendo tão pouco de tais imagens, elas causam tanto fascínio em quem as observa?

No universo da Arte, da Ciência e da Comunicação os procedimentos de mediação do corpo demandam novas configurações de uma identidade real, virtual e ou digital cada vez mais proeminente na cultura e no campo da representação, efêmera, inacabada, parcial e provisória. O corpo é uma presença mediada e em constante diálogo com a tecnologia que se transforma em um entremeio, um entre-lugar. O corpo é abjeto e ao mesmo tempo o dispositivo que permeia todas nossas experiências espaço-temporais e midiáticas ou imagéticas.

As inovações tecnológicas são determinantes para as transformações corpóreas em situações e manifestações hibridizadas. No campo da Arte e da Comunicação surgem diferentes abordagens conceituais, teóricas e metodológicas sobre o corpo na atualidade e nos conduzem a reflexões sobre as tensões e as dinâmicas que envolvem as condições de adaptação e estratégias discursivas da Arte e da Ciência.

A artista plástica britânica Susan Aldworth é citada por Francisco Ortega (2008) como exemplo de artista que se apropria das imagens do corpo e, sobretudo, do cérebro humano para discutir questões que envolvem identidade e subjetividade, como aquela em que a cultura popular, por exemplo, situa a identidade pessoal no cérebro, constituindo o que se conhece por sujeito cerebral (ORTEGA, 2008).

Sobre Susan, Ortega afirma:

Obras como as intituladas 'Cogito ergo sum' e 'Um centavo por seus pensamentos' nos obrigam a refletir acerca do que estamos vendo quando olhamos pra uma imagem do cérebro. Num texto incluído dentro de um de seus trabalhos podemos ler: 'você pode olhar no meu cérebro, mas nunca me encontrará' (ORTEGA, 2008, p.149).

Ortega afirma ainda que a mídia e a medicina fornecem os modelos que reconstroem o nosso corpo cotidianamente e este corpo é objetificado e fragmentado, sempre privado de sua subjetividade. O corpo da medicina e da mídia não representa algo que somos, mas sim o que temos.

É um processo duplo: por um lado, a ciência produz fatos que define objetivamente quem somos; por outro, os indivíduos formam seus próprios modelos de *self* a partir dos fatos científicos popularizados pela mídia [...] as tecnologias de imageamento são uma nova e poderosa fonte de recursos para a formação de um *self* e um corpo objetivados (ORTEGA, 2008, p.148).

Dessa forma entendemos que as artes visuais quando se apropriam das imagens médicas buscam humanizar e refletir sobre os modelos de concepção e formação de um si mesmo. O que está em jogo é o deslocamento das imagens médicas do âmbito clínico para o cenário artístico e as implicações da desconstrução da funcionalidade de tais imagens, como o hibridismo estético e a experiência de novas corporalidades.

O hibridismo estético altera as imagens originais tornando-as outro corpo, outro imageamento, outra visibilidade corpórea. As imagens do corpo, fruto dos registros das novas tecnologias de imageamento, desincorporam-no de sua subjetividade, tornam o corpo descarnado, descorporificado e contribuem cada vez mais para a sua virtualização e objetificação. O corpo é a imagem mesma da obsolescência e para Ortega (2008), a medicina é hoje a metanarrativa da efemeridade pós-moderna.

Ainda para Ortega: “*O corpo é a base de nosso ser-no-mundo*” (ORTEGA, 2008, p.166), e a arte contemporânea tem desempenhado um papel determinante na ação de assimilar, deslocar, desviar e subverter a função das imagens médicas. As ações de confronto e desconstrução da funcionalidade como as da artista Susan Aldworth são centrais para humanizar as tecnologias de imageamento do corpo, criando novas corporalidades rumo à resistência e retomada de consciência que nos permitem o conhecimento de nós mesmos.

## Referencias

- ART AND SCIENCE. MA ART AND SCIENCE. Susan Aldworth. 2011. Disponível em: <<http://www.arts.ac.uk/csm/courses/postgraduate/ma-art-and-science/>> Acesso em 05 jun. de 2018.
- BRIDGEMAN IMAGES. *Studio*. Susan Aldworth. 2017. Disponível em: <<http://www.bridgemanimages.com/en-GB/susan-aldworth>>. Acesso em 11 mai. de 2017.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. 2ª.ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. 1ª. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto*. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. São Paulo: Garamond, 2008.
- SARZI-RIBEIRO, Regilene Aparecida. CRIS BIERRENBACH. A fotografia transparente e os dispositivos de registros do corpo vigiado. In: CIANTEC'16 - *A Força do Terror como Inspiração Criativa: Filhos do Cotidiano Contemporâneo* - Coordenação e organização: PC Mello. Galpão IV - Fundação Marcos Amaro - Itu, 2016. p.212-221. Disponível em: <<http://www.ciantec.net/books/CIANTEC2016.pdf>> Acesso em 05 jun. de 2018.
- STAFFORD, Barbara. M. *Body Criticism*. Imaging the Unseen in Enlightenment Art and Medicine. Cambridge: MIT, 1992.

## Regilene A. Sarzi-Ribeiro

Pós-doutora em Artes pelo IA/UNESP/SP. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) e Professora Assistente Doutora (RDIDP) da FAAC/UNESP/Bauru/SP. Membro Diretoria ANPAP 2017-2018. Líder do Grupo de Pesquisa labIMAGEM – Laboratório de Estudos da Imagem – CNPq. Desenvolve pesquisas em Artes do Vídeo, Fundamentos e Crítica da Arte e Transdisciplinaridade.